

Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Rosas, Nina

A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras
Ciências Sociais Unisinos, vol. 52, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 17-26

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93845798003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

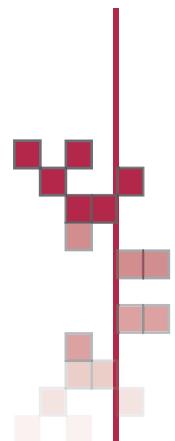
redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras

Universal Church of the Kingdom of God: Social action across borders



Nina Rosas¹
rosasnina@gmail.com

Resumo

Este trabalho traz o exercício inédito de explorar algumas práticas sociais da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na Namíbia, África do Sul, Angola, Moçambique e Portugal. Atenta às contingências de cada região, a IURD tenta atrair e/ou vincular fiéis por meio de ações organizadas principalmente pelas irmãndades de mulheres Sisterhood e Woman in Action, e pela Associação Beneficente Cristã, organização já fechada no Brasil. De um lado, são estabelecidas parcerias com instâncias governamentais locais com vistas a sustentar a imagem da igreja como instituição religiosa promotora de bem-estar social. De outro, as irmãndades oferecem vias de ganho emocional e suposta reestruturação social, incitando compromisso com as rotinas da igreja e desempenho de uma disciplina que permite obtenção de destaque e funciona como veículo de certo empoderamento e transformação. O material etnográfico utilizado é composto por artigos e reportagens encontradas pelo mapeamento de jornais, revistas, portais, sites e blogs produzidos pela igreja, e que relatam a ação social nos anos de 2009 e 2010.

Palavras-chave: *Igreja Universal do Reino de Deus, ação social, transnacionalização, gênero.*

Abstract

This paper is an original exercise of exploring some of the social actions of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) in Namibia, South Africa, Angola, Mozambique and Portugal. Taking into consideration the contingencies of each region, the UCKG tries to make and link new faithful through the social action organized mainly by organizations such as Sisterhood and Woman in Action, and by the Associação Beneficente Cristã, which has been already closed in Brazil. On the one hand, the church establishes partnerships with governmental institutions in order to promote itself as a social welfare organization. On the other hand, the sisterhoods offer promises of emotional success and social reconstruction. These programs encourage women to be committed to the church routine and to discipline themselves. The resulting achievement is a vehicle of empowerment and transformation. The ethnographic material is composed of articles and stories collected from newspapers, journals, magazines, websites and blogs created by the church and that register social actions of the UCKG during 2009 and 2010.

Keywords: *Universal Church of the Kingdom of God, social action, transnationalization, gender.*

A Universal do Reino de Deus (IURD) – focada em cura, libertação e prosperidade – ainda é uma das igrejas pentecostais² mais importantes do cenário brasileiro. Tem alcançado diversas localidades, tanto no continente africano quanto na Europa e na Ásia, fato que estabelece, por meio da religião, uma importante ponte

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil.

² De modo geral, o pentecostalismo é compreendido pela crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo (glossolalia, cura, profecia, etc.). Sobre os debates em torno da definição, ver Mariano (2005), Rolim (1985) e Giumbelli (2000).

entre países menos e mais desenvolvidos ao redor do mundo (Freston, 2005). O avançar da IURD para além das fronteiras brasileiras pode ser analisado a partir de várias óticas, como a da institucionalização internacional, dos embates políticos e culturais, das estratégias de proselitismo, estruturação de templos, adaptação a um novo espaço geográfico, e assim por diante. Completando o quadro, há outra dimensão bem menos explorada pela literatura, mas ainda assim fundamental, e que será objeto deste artigo – as práticas sociais³. No contexto de implantação de uma fé estrangeira, as ajudas são instrumentos na busca por legitimidade e conseguem balizar conexões sem as quais o assentamento da religião não acontece; por isso, deve ser dada atenção específica a elas.

O texto descreve e analisa mecanismos assistenciais capitaneados por algumas IURDs que se desenvolveram na Namíbia, África do Sul, Angola, Moçambique e Portugal. Vê-se que, em vários lugares, as tarefas "emergenciais" de amplo alcance (coleta e distribuição de itens de primeira necessidade) ocorrem sob a alcunha da antiga Associação Beneficente Cristã (ABC)⁴, já fechada no Brasil. Essas iniciativas dividem espaço com ações voltadas para os membros da igreja (principalmente para as mulheres), como as irmandades *Sisterhood* e *Woman in Action*. Voltar os olhos para tais agrupamentos joga luz em relações que, por vezes, escapam aos estudos sociológicos, a saber, dinâmicas comunitárias de uma igreja que é conhecida por atrair as massas e possibilitar uma adesão mais frouxa. As benesses fazem com que alguns adeptos se vinculem de fato à igreja. Apesar de os exemplos não esgotarem as diversas modalidades de ajuda eventualmente desenvolvidas nos países pesquisados, trata-se de um exercício inédito na literatura especializada.

Os países selecionados foram os que mais sobressaíram nas mídias da igreja, e têm líderes estratégicos atuando como missionários; por esse motivo, o volume de dados encontrados sobre o trabalho social e evangelístico nessas localidades é bem mais expressivo do que o referente a outras. O material etnográfico utilizado é composto por 64 artigos e reportagens coletadas principalmente em 2009 e 2010 pelo mapeamento de jornais, revistas, portais, sites e blogs, envolvendo líderes da Igreja Universal. A maior parte é de autoria dos próprios representantes da IURD⁵.

A narrativa está dividida em uma introdução e outros cinco tópicos, nos quais se fornece um breve histórico da Igreja Universal em cada localidade como pano de fundo⁶. A última seção encerra o artigo com considerações finais.

A inserção da IURD fora do Brasil

De modo geral, a expansão da IURD é caracterizada pela compra de espaços públicos, abertura de templos e forte proselitismo midiático, muitas vezes com obras sociais acompanhando e apoiando os grandes cultos e projetos das novas igrejas (Freston, 2003; Giumbelli, 2002; Mariano, 2004; Oro, 2003). A jornada para além das fronteiras brasileiras começou no Paraguai em 1985 (Freston, 1999), pouco tempo depois do surgimento da IURD como instituição religiosa, que se deu em 1977. Mas foi só na década de 1990 que a igreja de fato ampliou a ação internacional. Talvez porque, antes disso, teve incursões frustradas nos EUA e ainda realizou a dispendiosa compra da Rede Record (Freston, 1999). Daí em diante, deslanchou na propagação de sua religiosidade, a despeito dos percalços culturais e políticos com os quais eventualmente se deparava e ainda se depara em decorrência das tentativas de transnacionalização.

Considerando o processo de globalização do pentecostalismo brasileiro, a IURD apresenta diferenciais em relação a outras igrejas, características que ora facilitam, ora dificultam a inserção. De modo geral, conta com poderio midiático, econômico, institucional (no sentido de centralização hierárquica), além do fato de se tratar de uma igreja independente das denominações estrangeiras internacionais, e acabar arregimentando uma base popular gerida por um número maior de bispos em comparação com a média brasileira (Freston, 2003). Mas, se de um lado ela conta com tais vantagens, de outro, a má fama adquirida no Brasil (pelo chute na padroeira e pelas acusações de lavagem de dinheiro, curandeirismo, estelionato etc.) costuma precedê-la. É comum que a IURD opte por não fazer alianças com associações evangélicas e denominações locais. Outro fator negativo é que sua "globalização" ocorre apenas dentro de um modelo de "transplante eclesiástico" (Freston, 2003), isto é, na tentativa de instalar a IURD

³ Para os fins da abordagem proposta, os termos "ação social", "assistência", "obras sociais", "ajuda" e outros semelhantes serão empregados apenas como recurso de escrita, sem diferenças qualitativas substanciais.

⁴ A ABC foi uma entidade filantrópica criada pela Universal em 1994 e que teve papel crucial na ligação entre a fé iurdiana e a política (Machado, 2003; Machado e Mariz, 2004; Mariano, 2005; Novaes, 2007). Por meio dela, doações de alimentos, materiais escolares, roupas e itens de higiene eram recolhidas e administradas. Promoviam-se cursos profissionalizantes e apoavam-se projetos sociais ligados a instâncias não religiosas. Durante vários anos, as unidades da ABC foram multiplicadas, compondo a organização institucional das benesses iurdianas. A desativação ocorreu ao longo de 2008, possivelmente por acusações de desvio de verba e rearticulação do assistencialismo da IURD, que passou a se concentrar em ações regionalizadas das igrejas e na projeção do Instituto Ressoar, braço social da Rede Record. Em âmbito transnacional, todavia, a ABC continua a ser mencionada pelos líderes e pela assessoria da Universal como uma importante iniciativa vigente.

⁵ Esse material fez parte de minha pesquisa de dissertação de mestrado, cujo escopo era mais amplo e tem resultados já publicados (Rosas, 2012, 2013, 2014; Santos e Rosas, 2014). Foi feita análise temática dos dados secundários, triangulados por meio de duas estratégias. Uma delas foi a coleta primária em Belo Horizonte, oriunda de observação participante na sede assistencial da IURD. A segunda foi a consulta a pesquisadores que analisavam a Universal e a leigos evangélicos proeminentes, que, em conversas informais, auxiliaram para que os exageros numéricos que apareciam nas informações fossem reduzidos.

⁶ A melhor análise sobre a ação da IURD nos países estrangeiros é feita por Freston (1999, 2003, 2005), que será citado como a principal referência sobre a origem e o desenvolvimento da IURD nos países abordados.

à brasileira, sem abrir mão da identidade denominacional e sem permitir a liberdade autóctone nas tomadas de decisão.

A IURD ainda enfrenta outras barreiras: as religiões predominantes no local, o idioma falado, a distância (maior ou menor) da matriz cultural brasileira, e até mesmo barreiras políticas, sociais e de liberdade no exercício da fé. Ela também sofre quando há desvalorização da moeda nos países que contribuem com sua receita, como é o caso do Brasil, da Argentina e da África do Sul (Freston, 2005), e tem que lidar com estratégias frustradas de demonização de figuras que fazem parte do universo simbólico-religioso do país estrangeiro (como o insucesso de ter criticado a Virgem de Guadalupe no México [Doran, 2003] e a dificuldade que teve nos EUA pela não prevista ausência de medo de espíritos).

Frente a isso, a Universal desenvolve muitas estratégias de adaptação no exterior, como a mudança de nome e a reinterpretação das categorias afro-brasileiras (Freston, 2005). As ações sociais frequentemente aparecem, embora o enfoque das pregações dos pastores e bispos esteja mais voltado para o modo como Deus pode, de modo sobrenatural, socorrer e libertar os oprimidos do que para discursos que ecoem preocupações do terceiro setor. O assistencialismo religioso internacional pode ser considerado uma extensão da já bem conhecida dinâmica proselitista dos evangélicos. Mas não é só isso. Como mostra Freston (1999), também é parte do processo de regulamentação jurídica e crescimento das igrejas nos novos locais de atuação, e é ainda uma forma de ganhar simpatia e superar oposições políticas, uma vez que promove a igreja como instituição religiosa engajada na oferta de benefícios sociais.

Fora do Brasil, a Universal conta com um ou mais pastores que ficam responsáveis pelo evangelismo e pelas iniciativas de implantação do templo local. Na maior parte das vezes, os líderes missionários se mudam com suas esposas e filhos e encabeçam todas as diversas atividades propostas. Por isso, é comum que as obras sociais desenvolvidas sejam organizadas pelas mulheres dos bispos e pastores, que também ocupam posições estratégicas na liderança. Não deverá surpreender, portanto, que a quase totalidade da ação social a ser descrita seja orientada para mulheres ou por grupos por elas assistidos, afinal, o campo das assistências ainda é um espaço de concentração das mulheres (Simões, 2004), de modo que elas se tornam "agentes prefe-

renciais das doações" (Machado e Mariz, 2008). Além disso, há regiões em que a presença delas ultrapassa 80% da audiência da IURD (Almeida e Montero, 2001; Jacob *et al.*, 2003).

A IURD na Namíbia

Começando pela África, a Namíbia é um país que até então não aparecia na literatura sobre a expansão internacional da IURD (Corten e Marshall-Fratani, 2001; Freston, 1999, 2003, 2005; Mafra, 2003; Oro, 2004; Oro *et al.*, 2003). Recentemente, foi destacado pela mídia da igreja, que retratou com fotos, depoimentos e grandes reportagens o sucesso dos líderes na dita localidade. Por lá há aproximadamente 14 Universais. O crédito dos trabalhos é atribuído a Celso Macedo Bezerra Júnior⁷, irmão de Edir Macedo (principal líder da IURD), e à esposa de Júnior, Fernanda Bezerra, ativa no Centro de Ajuda Espiritual (CdAE) – nome que se costuma ver com frequência representando a igreja nos templos internacionais. O governo local e a Embaixada da Espanha aparecem como parceiros apoiando a prestação de auxílio a crianças e adolescentes órfãos, doentes, moradores de rua e idosos carentes (*Folha Universal*⁸, n. 909)⁹.

O trabalho social mais destacado, todavia, é feito para mulheres. Fernanda Bezerra e algumas voluntárias organizam na Namíbia um dos centros do Sisterhood. O Sisterhood é uma espécie de irmandade de mulheres, que em sua expressão regional oferece apoio às nativas e ensina sobre cuidados pessoais, além de possuir um armário de roupas doadas que só pode ser acessado pelas participantes do grupo. O Sisterhood foi criado por Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, e por Evelyn Higginbotham¹⁰, ambas residentes do Texas. Surgiu nos e para os Estados Unidos, mas estendeu-se a outros países como uma iniciativa reproduzível. Mas a replicação do Sisterhood não ocorre como muitas tarefas sociais da IURD, que, no geral, são realizadas com liberdade e espontaneidade. O Sisterhood é um grupo seletivo e é implantado de forma criteriosa por algumas mulheres que ocupam cargos mais altos na liderança da igreja.

Faz parte da irmandade Godllywood¹¹, organizada em dezembro de 2009, e que reuniu inicialmente 17 mulheres, soltei-

⁷ Bezerra Júnior, assim como outros líderes da IURD internacional, aparece envolvido em acusações. É possível encontrar menções a ele, por exemplo, como responsável pelo envio de quase 18 milhões de reais ilegais ao exterior. O bispo teria em seu nome a empresa CEC Trading Corporation, que seria ligada à empresa Beacon Hill Service Corporation, fechada pelo governo dos EUA em 2003 por transmissão ilegal de fundos.

⁸ A *Folha Universal* é um jornal semanal produzido pela IURD e trata temas religiosos e também gerais. Dependendo do país, é possível encontrar uma edição específica da localidade. Para a pesquisa que embasou este trabalho, utilizei as edições de 2009 e 2010, cujos links atualmente se encontram indisponíveis para consulta.

⁹ Registros mostram ainda voluntários da IURD montando uma espécie de tenda de circo com a marca Help Centre (rubrica que também é referência da igreja fora do Brasil) para distribuir sacolas com itens básicos de alimentação.

¹⁰ Higginbotham é membro da Universal e trabalhou pela igreja na África do Sul, Filipinas, Inglaterra e EUA.

¹¹ Em 2010, o Godllywood incluía três trabalhos orientados para distintas faixas etárias: o Pré-sisterhood, para crianças e adolescentes de 8 a 13 anos; o sisterhood, para jovens de 14 a 29 anos; e o Mulher V, para casadas ou solteiras com 30 anos ou mais. Atualmente, existem dez diferentes grupos: o das "lindas", crianças de 06 a 10 anos; o "queridas", meninas de 11 a 14 anos; o das "dóceis", adolescentes de 15 a 19 anos; o das "graciosas", jovens de 20 a 25 anos; o das "Rutes", mulheres solteiras de 26 anos em diante; o "Ester", voltado a mulheres casadas, de 26 anos em diante; o das "Rebecas", para as noivas de pastores; o das "preciosas", destinado às filhas de pastores; o das "Déboras", para esposas de pastores; e o das "Saras", para esposas de pastores da administração (Godllywood, 2015). Neste texto, o programa será tratado como e a partir da relação com as obras de assistência.

ras e casadas, que buscavam compartilhar os valores da "essência feminina", supostamente programados por Deus desde a criação, valores que estariam corrompidos pelos ideais do mundo. Segundo as líderes do movimento, a deterioração propiciada pelo mundo é representada atualmente pelo "modelo hollywoodiano", que implicaria a exposição do corpo, defesa de valores consumistas e criação de tendências de moda ruins. Para se opor a esse modelo, a fraternidade de mulheres propõe agir de forma "revoltada". Critica o divórcio, o sexo com múltiplos parceiros, a maternidade independente, a igualdade das mulheres, a sensualidade e o abuso de bebidas alcoólicas (Godlywood, 06/2012). A abordagem do programa é inovadora, considerando o estilo "agressivo" dos apelos de cultos e campanhas que caracterizam a IURD. Há alinhamento a padrões de sociabilidade mais contemporâneos, como o amplo uso das redes sociais para divulgação e articulação das iniciativas, e ênfase em questões de interesse das mulheres, que até então não eram comuns na Universal¹².

Na Namíbia, as voluntárias do Sisterhood oferecem diversas atividades interativas para as integrantes, como a realização de piqueniques e aulas de corte e costura. Mas há várias requisições para entrada e permanência das "pledges" (como são chamadas as participantes). Destacam-se os cuidados pessoais e domésticos, assim como a postura de assistência. Estimulam-se as tarefas de cozinhar para a família e organizar a casa, se maquiá, arrumar o cabelo e cuidar do próximo. A atestação do cumprimento das rotinas pessoais e sociais é garantida pela Big Sister, que é uma coordenadora regional. A confirmação é acompanhada por uma noite de gala com homenagem às moças, evento que concretiza a mudança das iniciadas (Bezerra, 2010). Trata-se do Sisterhood Pledge Night, um culto para recepcionar as novas participantes que se candidatam. O momento envolve um compromisso com o código de valores do programa e conta com testemunhos, danças e prêmios de acordo com o grau de transformação alcançado por cada uma. O código do Sisterhood diz respeito à valorização do feminino, do corpo, da beleza e das vestimentas (segundo os "padrões de Deus"), implicando o compromisso em manter a autoestima alta, sem fazer críticas contra si ou alimentar pensamentos negativos. O código ressalta também a importância de conservar a humildade para aceitar mudanças e correções necessárias (IURD na Fundação Casa, 2010).

Para Fernanda Bezerra, o foco do trabalho é que as mulheres alcancem transformação de vida usando a fé inteligente (Notícias da Universal, 2011). A iniciativa reforça a imagem da mulher como generosa, carinhosa, cuidadosa e zelosa com ela mesma e com os que estão à volta. Não é à toa que a metáfora bíblica da mulher virtuosa¹³ dá nome a um dos projetos do Godlywood (Mulher V). Várias tarefas são lançadas para que se alcancem os objetivos propostos. Em outro texto (Rosas, 2012),

chamei o cultivo desse tipo de comportamento entre os fiéis da IURD envolvidos com a assistência de *ethos* empreendedor disciplinado, referindo-me ao engajamento por meio do qual o voluntariado (a maioria de mulheres) negociava posições hierárquicas na estrutura da igreja. Acredito ser possível estender esse raciocínio à prática das "pledges", que passam a se disciplinar arduamente, visando ser transformadas, provadas e aprovadas.

Embora o Sisterhood mereça uma criteriosa observação de campo, por meio dos relatos coletados é possível dizer ainda que se observa algo que Machado (2005) considerou ao tratar das representações de gênero das pentecostais brasileiras: mesmo que possa haver certa redefinição da subjetividade feminina e maior autonomização das mulheres, o revisitar de determinadas prescrições tradicionais de gênero e a assimilação de papéis tipicamente hetero-patriarcais permanece, levando a um retraimento feminino. Isso também é observado em outras igrejas evangélicas brasileiras, que, mesmo quando estimulam maior individualidade das mulheres, não as emancipam em relação às atribuições baseadas no determinismo biológico da reprodução (Rosas, 2014, 2015; Santos e Rosas, 2014).

As ajudadas na Namíbia também participam dos trabalhos de evangelismo, conhecidos por lá pelo nome de *Ask! You shall receive*, que concentram grandes expressões de testemunhos, curas e transformações. O proselitismo encabeçado por elas é feito por meio da pregação das mensagens de fé, realização de orações e distribuição de jornais em regiões pobres da cidade e em hospitais. O recrutamento de novos fiéis visa chamar mais mulheres para parar de destruir a imagem feminina corrompida e começar a construir um relacionamento entre as irmãs de fé.

O proselitismo vinculado a atividades de assistência mostra, na mesma trilha do que pontuou Quero (2010) sobre as mulheres católicas no Japão, que, ao passo que há reforço da subordinação feminina, também há forte comprometimento das mulheres com as rotinas da igreja. É possível dizer que, por meio do Sisterhood, a IURD proporciona um modo comunitário de vivência da fé pouco comum aos padrões de oferecimento de serviços mágico-religiosos da igreja, ocupando o cotidiano das mulheres e oferecendo ensinamentos sobre disciplina, cuidados com o corpo, ação social e evangelismo.

Mas, mesmo que potencialize o número de seguidores, a ação social não deve ser vista apenas como um modo de atrair uma massa de novos conversos. Ela é um meio primordial de reforçar laços de amizade e pertencimento, seja entre frequentadores de culto, seja entre eles e a liderança. Como apontou Frigerio (1999), a capacidade de tradução de uma religião e a atuação da mesma a partir de bases legítimas requerem uma adaptação que passe pelo recrutamento de indivíduos nativos que conheçam bem tanto as antigas crenças quanto os valores

¹² A Terapia do Amor era o que chegava mais perto disso. É um dos cultos promovidos pela igreja com o objetivo específico de tratar questões emocionais da vida dos fiéis. Também é tido como oportunidade para conhecer pessoas solteiras, viúvas ou divorciadas e iniciar relacionamentos.

¹³ O livro de Provérbios apresenta a mulher virtuosa como aquela que é bondosa, trabalhadora, coordena as tarefas domésticas, dá alimento aos empregados, é diligente, caridosa com os pobres, tem fala moderada, é sábia e não é preguiçosa (Bíblia Online, s.d., Provérbios 31).

sociais vigentes no momento (Frigerio, 1999, p. 170-171). No caso da Igreja Universal, a adesão nativa parece ser facilitada por ajudas como as expostas.

A IURD na África do Sul

Na África do Sul, a Igreja Universal possui certo êxito há muito tempo. Ela se inseriu na região por volta de 1993, na época do fim do *apartheid*. Apesar da existência da política de segregação racial, o contexto sul-africano guarda semelhanças com o brasileiro, pois o país é uma democracia formal, caracterizado por intensa desigualdade, mas com urbanização e certo cosmopolitismo (Freston, 2005). O cenário religioso é complexo, marcado por declínio do catolicismo e do protestantismo tradicional, e pelo crescimento do pentecostalismo e de igrejas africanas independentes. A IURD começou proferindo cultos em português e direcionando o discurso a uma minoria. Contudo, alcançar um público nativo fazendo uso do inglês e da liderança de africanos foi uma realidade obtida em curto prazo (Freston, 2005). Sendo bem recebida como uma igreja que trazia um "imaginário" de mobilidade social e integração racial muito desejado pelos africanos (ideal considerado uma proposta de "renascimento" para a África [Oro, 2004], facilitando a implantação), a IURD também ofereceu suporte e reforço moral (Freston, 2005). De um lado, funcionou como um consolo para pessoas frustradas com as condições sociais; de outro, motivou aqueles que visavam aproveitar as novas oportunidades que surgiam.

Os trabalhos na África do Sul são realizados pelo bispo Marcelo Nascimento Pires (outro líder envolvido em controvérsias¹⁴) e por sua esposa, Márcia Pires. Ela é fundadora e responsável pelo Woman in Action (WiA) em Johanesburgo – programa que tem como correspondente o Mulheres em Ação (MEA), que acontece em vários estados do Brasil e tem importância considerável aos olhos da igreja. O Woman in Action é de cunho caritativo, voluntário, feito por mulheres e caracterizado geralmente pelas ações de obreiras lideradas por esposas de pastores e bispos; mulheres que se engajam em visitas a hospitais e realização de palestras e cursos (IURD África do Sul, s.d.).

Na África do Sul também há relatos do Sisterhood, mas as ações do WiA parecem sobrepor-se às da outra irmandade (ao menos como observado no período da pesquisa). Um projeto importante realizado pelo WiA em 2010, por exemplo, foi a Campanha Saving a Tamar. Fazendo referência a um relato bíblico sobre Tamar, uma das filhas de Davi que sofreu abusos

sexuais, a campanha trazia testemunhos comoventes de mulheres que tinham sofrido algum tipo de violência na infância e que então encontraram cura para seus males por meio da Universal (Women in Action, 2010).

Outra ação social realizada para os sul-africanos, e que é constantemente propagandeada é a ajuda "emergencial", aos moldes das filantropias católica e espírita brasileiras. A ação permite que os iurdianos alcancem notoriedade por meio da "luta por uma causa nobre". O centro de referência do trabalho na África do Sul é o SSHC – Stop Suffering Help Centre (Centro de Ajuda Pare de Sofrer), uma organização registrada e sem fins lucrativos; segundo Corten (2003), representante da brasileira ABC. O SSHC conta com a ajuda do WiA. As voluntárias, em 2009 e 2010, realizaram algumas palestras e marchas para abordar a AIDS e os vários tipos de câncer, fazendo demonstrações por meio de fotos sobre as possibilidades de desenvolvimento das doenças. As conscientizações coletivas, compostas por orientações sobre tratamentos, prevenções e exames, também anseiam contribuir "com suporte emocional e espiritual" (Arca Universal, 09/11/2009).

Apesar de os iurdianos enfatizarem o SSHC em suas mídias sociais, Corten (2003) afirma que o sinal de prosperidade, sucesso e distinção observado na África do Sul só é alcançado a partir da dispensa da ajuda. Para tal, é necessário expulsar os demônios da miséria e das doenças. Isso poderia levar à seguinte afirmativa: mesmo que à custa de tempo e de uma ampla agenda¹⁵ de ações assistencialistas, a igreja estaria indicando o caminho de saída da dependência. Permanece a dúvida.

Vale enfatizar, contudo, que, tanto na Namíbia quanto na África do Sul, as iniciativas demonstram que um dos pilares da IURD – o discurso de prosperidade, ancorado na vitória financeira e nos fortes apelos de doação monetária – se não é minimizado, ao menos convive com ênfase na reestruturação social, promessa de libertação de traumas psicológicos e obtenção de sucesso no campo das emoções, isto é, com pequenas mudanças na vida dos que experimentam a nova fé. Minha aposta é que esses são exemplos de concessões e alterações realizadas com vistas a angariar uma nova clientela. Porém, tais afrouxamentos culminam em consequências não premeditadas, como a das irmandades de mulheres.

A IURD em Angola¹⁶

Rijk van Dijk, ao tratar da influência do pentecostalismo em alguns países africanos, afirmou que "o processo de conver-

¹⁴ Em 1998, Pires teria feito um empréstimo em uma empresa ligada a religiosos da IURD para realizar a compra de duas emissoras de TV no Paraná. Desentendendo-se com Macedo, deixou a Universal em 2000. Em 2003, teve a assinatura fraudada em uma procuração para transferir as emissoras para o nome de outro bispo (Fernandes, 2008). Pires denunciou a IURD, mas, ao que tudo indica, acabou fazendo as pazes.

¹⁵ Segundo Freston (2005), na África do Sul os iurdianos também possuem um centro de treinamento para adultos (para alfabetização e inclusão digital), divulgam vagas de emprego, contam com uma linha telefônica 24 horas e ainda assistem os presidiários e doentes hospitalizados.

¹⁶ No início de 2013, o governo da Angola proibiu a operação de igrejas evangélicas no país, alegando que elas enganavam a população. Seria iniciado um processo de interdição contra a IURD, mas, segundo reportagem, a preocupação com a igreja, única reconhecida no país, era com o fato de ela não prover segurança ao ocupar estádios para fazer reuniões (Mello, 2013).

são ao cristianismo deve ser interpretado como uma conversão à modernidade na medida em que propõe uma ruptura com o passado social" (Dijk, 2001, p. 216, tradução livre). Essa interpretação serve como pano de fundo para compreender o papel da IURD em Angola. A título de exemplo, é possível citar o teor de uma mensagem proferida em um encontro de comemoração pela virada do ano, em Luanda, que agregou mais de 100 mil pessoas. Entre os convidados estavam algumas autoridades do governo e ícones da televisão. Na ocasião, o discurso promovido destacou a motivação da IURD em fazer daquele país uma referência para todo o continente (IURD Angola, s.d.).

A igreja chegou a Angola em 1991, mas em função da guerra civil teve seu crescimento relativamente estagnado. Atualmente, conta com cerca de 200 igrejas e 700 pastores. Pela similaridade do idioma, vem tentando desenvolver um trabalho intenso em Angola, mas sem dar tanta margem à ação dos líderes nativos (Freston, 2005). Faz questão de ressaltar o modo como se inseriu no país por meio da Associação Beneficente Cristã, chamada na região de Órgão Social. A IURD tenta contribuir com uma nova modalidade de presente e com várias formas de expressão da caridade – veículo por meio do qual intenta promover a mudança.

Mesmo tendo sido fechada no Brasil, a ABC está ativa entre os angolanos e organiza os seguintes projetos: Comunidade Vida Feliz (destinado a distribuir alimentos a pessoas necessitadas); S.O.S. Cunane (responsável por socorrer vítimas de desastres naturais e catástrofes); e Ler e Escrever (atividade de alfabetização). Os voluntários da associação distribuem de modo recorrente folhetos com informações de prevenção contra AIDS, cólera e malária (Arca Universal, 15/01/2010). À ABC angolana também é atribuída a criação do Centro Profissional Acadêmico, onde funcionam o programa Ler e Escrever e outras atividades profissionalizantes, como cursos de corte e costura, informática, cabeleireiro, pastelaria, panificação e decoração (*Folha Universal*, n. 893 e 900). A ABC também organiza o centro de crianças e jovens desfavorecidos El-Betel, que atende adolescentes instruindo-os para que mudem de vida. O El-Betel funciona com a ajuda de membros da igreja, que levam doações, e de parcerias estabelecidas com o governo da Angola. A IURD auxilia ainda o Centro Alnur, destinado a acolher crianças órfãs e jovens que enfrentam o vício das drogas (*Folha Universal*, n. 893).

Segundo narra um dos pastores locais, a Universal faz parte da sociedade e se sensibiliza com situações difíceis (Arca Universal, 11/11/2011). A mesma reportagem menciona que "uma tonelada de donativos [foram] encaminhados pelo Ministério de Assistência e Reinserção Social para os mais carentes" [refugiados do Congo]. Na saga de manter parcerias com o governo, a IURD também enxerga a possibilidade de estar mais próxima das mulheres por meio do contato com o Ministério da Família e Promoção da Mulher, alertando contra a violência doméstica e realizando vigílias na igreja. Segundo Freston (2005), a Universal de Angola atrai predominantemente mulheres e vítimas de infidelidade marital, dedicando bastante atenção na *Folha Universal* local a assuntos como igualdade no ambiente de trabalho e sucesso nas realizações pessoais.

É possível afirmar que a Universal em Angola realiza parcerias com instâncias do governo e atua em colaboração com projetos promovidos por associações e organizações comunitárias que lutam pela diminuição de doenças e tentam garantir condições melhores para a população (Arca Universal, 08/11/2009). A participação da IURD ocorre principalmente por meio do envio de palestrantes voluntários que buscam oferecer ajuda como parte de sua religiosidade e em contexto de uma fé brasileira transnacionalizada. Não fica claro o impacto da ação direcionada às mulheres, mas, ainda assim, observa-se que o vínculo entre igreja, setor público, missionários e voluntariado acaba ajudando a Universal a encontrar brechas na cultura angolana e legitimar sua inserção, autopromovendo-se como organização religiosa preocupada com o bem-estar social.

A IURD em Moçambique

A Universal chegou a Moçambique em 1992, no fim da guerra civil. O país estava extremamente pobre pelos saldos da guerra, dependente de ajuda estrangeira e suscetível a influências vindas de fora. A IURD alcançou grande crescimento e visibilidade na região, atraindo indivíduos de formação católica e de classe baixa e média baixa (Freston, 2005). Para Freston, um dos principais fatores dignos de atenção é como a igreja conseguiu reproduzir fielmente o destaque que usufrui no Brasil em relação à inserção na mídia e ao desenvolvimento de projetos sociais. Parte do sucesso pode ser atribuído ao fato de a TV Miramar retransmitir a programação da brasileira Record, de propriedade da IURD. Embora a veiculação de programas religiosos (alguns inclusive produzidos localmente) fique restrita, assim como no Brasil, aos horários da madrugada e início da manhã, a programação é considerada atrativa e gera uma admiração da cultura e padrão linguístico brasileiro, influenciando sobretudo mulheres e jovens (Freston, 2005).

No campo das ações sociais, a IURD investiu pesadamente. Seja tentando aumentar a legitimidade no país ou por sensibilidade à situação social, a Universal inseriu por lá a Associação Beneficente Cristã, tal como em Angola (Freston, 2005). A partir de 1999, a ABC começou um trabalho de visita a hospitais. Daí em diante, aumentou a abrangência da ação, distribuindo alimentos e agasalhos a indivíduos considerados vulneráveis (imigrantes, órfãos, prostitutas etc.), e realizando programas de alfabetização e aprendizagem, além de assistência aos presidiários (Cruz e Silva, 2003). A ABC local também visava combater a fome e socorrer vítimas de inundações. Com fortes enchentes no ano 2000, por exemplo, mobilizou os fiéis para doar sangue e contribuir com uma grande campanha de ajuda chamada SOS Moçambique (Cruz e Silva, 2003).

Segundo Cruz e Silva (2003), o crescimento da Universal no país se deve não só à proximidade com crenças populares, mas também à ênfase dada (inclusive usando a mídia) à família, saúde, libertação e prosperidade. Para a autora, a IURD conseguiu oferecer uma resposta a uma sociedade arrasada pela

guerra, atuando na tentativa de reconstruir os valores morais e recriar a dignidade humana (Cruz e Silva, 2003, p. 131-135). Mesmo vinte anos depois, ao menos considerando o registro ao qual se recorreu para esta pesquisa, a Universal continua em semelhante trilha, pois ampliou e atualizou a agenda de ações coordenadas pela ABC.

Segundo os dados, a ação social em Moçambique está organizada a partir de três motivações principais: combater o analfabetismo, erradicar a pobreza e lutar contra a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis (Arca Universal, 28/08/2009). Na região, a ABC promove palestras de conscientização sobre o HIV, incentiva doações de sangue, distribui preservativos e, durante marchas evangelizadoras, conta com teatros, músicas, danças e cortes de cabelo. Eventualmente organiza doação de alimentos de consumo imediato, como sucos, iogurtes, frutas e biscoitos (*Folha Universal*, n. 872, 889; Arca Universal, 11/10/2009). Outro eixo é o Centro de Formação Profissional, que oferece o programa de alfabetização Ler e Escrever e aulas de inglês, informática, corte e costura, culinária e cabelereiro (IURD Moçambique, s.d.). Segundo o coordenador da iniciativa: "Travamos uma luta contra a pobreza absoluta a partir da escolarização dos moçambicanos. Moçambique não é uma Ilha, razão pela qual deve competir em pé de igualdade com outras nações, como forma de alcançar um futuro promissor" (Arca Universal, 28/08/2009).

As Mulheres em Acção (MEA) também se destacam na assistência iurdiana de Moçambique. Fazem visitas a hospitais, orfanatos, presídios e asilos, e até vendem tecidos africanos e bijuterias confeccionadas por elas mesmas a fim de arrecadar dinheiro para converter em doações destinadas a instituições filantrópicas (*Folha Universal*, n. 928). Mas não só gerem encontros para tratar especificamente do cuidado com a saúde, do desenvolvimento espiritual e do papel que cabe às mulheres. Oferecem ainda esclarecimentos sobre situações civis diversas. Uma reportagem que trata do encontro das MEA, por exemplo, traz a seguinte informação:

A missionária Olga Pereira, responsável pelo Mulheres em Ação da província de Tete, abordou assuntos como: a importância da mulher no seio da família, a responsabilidade da mulher em saber educar correctamente os seus filhos, tornando-os assim cidadãos honestos, o papel da mulher na vida do marido. Falou-se também da importância do casamento oficial, para que então a mulher possa ter seus direitos (IURD Moçambique, 27/12/2013).

Nos eventos, também há presença de ginecologista e distribuição de brindes (sapatos, relógios, jogos de panelas, etc.) (IURD Moçambique, 13/03/2012). O que se percebe nas fotos e relatos é que essa atividade, ainda que difira em formato e nome, se assemelha às desenvolvidas pelas irmandades já descritas no que tange à abertura da Universal à discussão de temas que envolvem as mulheres, aumentando o espaço dessas nas atividades da igreja.

Complementando o quadro, é possível citar o estudo de Lubkemann (2002), que demonstrou como muitas mulheres re-

fugiadas se juntaram a igrejas como a Universal, e se engajaram em redes de suporte social alternativas. Na capital da província de Manica (Chimoio), algumas refugiadas advindas do distrito de Machaze, ao aderir à Universal, passaram a se relacionar com suas conterrâneas sem sofrer as sanções às quais estariam submetidas em função da migração e de relações extramaritais desenvolvidas no contexto de ausência dos maridos. Nesse caso, a religião reintegrou as mulheres ao oferecer a possibilidade de desempenhar o papel de irmãs de fé em vez de irmãs de etnia (Lubkemann, 2002, p. 205). Elas se tornaram livres das consequências (maldições) advindas da infração das antigas prescrições sociorreligiosas e de gênero. Consequentemente, foram estabelecidos novos laços que cooperaram para a "libertação" e empoderamento.

Como se vê, Moçambique é mais um exemplo da importância da participação feminina na composição da atividade voluntária e da adaptação da assistência a pautas que refletem a realidade local.

A IURD em Portugal

No continente europeu, Portugal foi a entrada da IURD e é o país onde a igreja alcançou o maior sucesso fora do Brasil. Como importante centro emissor de missionários para a Inglaterra e para alguns países africanos (Freston, 1999), Portugal não pode faltar no que tange à análise das obras sociais da IURD transnacional, embora não haja um volume muito grande de dados sobre a assistência desenvolvida por lá.

A época de crescimento da igreja em Portugal coincidiu com a entrada do país na União Europeia, fato que, ao mesmo tempo que criou oportunidades de trabalho e crescimento, rompeu com a vida tradicional e propagou uma crise que deixou espaço para o desenvolvimento de discursos centrados na prosperidade. Conhecida por sua "colonização-evangelização às avessas" (Freston, 1999, p. 389-395), a IURD em Portugal incitou certo encantamento e abrasileiramento em indivíduos menos favorecidos economicamente. Aos que se sentiam prejudicados pelas mudanças que ocorriam na Europa, a igreja acabava oferecendo suporte. Aos que se sentiam encorajados frente às novas oportunidades, a IURD apresentava incentivos.

Porém, a Universal não foi recebida no país sem gerar inômodos. Em uma região de tradição católica, com a maior parte das igrejas evangélicas estagnadas e com um protestantismo marcado pela presença de igrejas estrangeiras (Freston, 1999), as iniciativas da IURD foram vistas com reservas por muitos dos portugueses. Primeiro, porque a Universal tentou comprar a famosa casa de espetáculos Coliseu do Porto. E não conseguindo, pleiteou o Cinema York. Segundo, porque criou um partido, o Partido da Gente. Com isso, rompeu barreiras sociais e políticas (Freston, 1999) e acabou sofrendo ameaças, uma delas incluindo a depredação de um espaço de culto. Frente a isso, acionou, juntamente com um discurso de perseguição visando à defesa da liberdade religiosa, estratégias de sobrevivência importantes: tentou entrar na Aliança Evangélica Portuguesa (sem sucesso),

fundou outra federação de igrejas e se apropriou de dinâmicas conhecidas pelos portugueses, como a das festas, visando incorporar atributos autóctones, traduzir-se de acordo com as demandas e expectativas locais e tornar-se fortemente competitiva no cenário religioso (Oro, 2004).

Como parte da estratégia, investiu em obras sociais. Na época da inserção no país, os pastores missionários utilizaram a retórica de que os políticos portugueses não se importavam efetivamente com idosos, presos, desempregados e indivíduos sem estudo. Ressaltaram que Portugal era a "cauda da Europa" enquanto podia ser a cabeça (Mafra, 2003). Assim, a IURD se voltou para a tentativa de reivindicar certa legitimidade que supostamente estava sendo negada àqueles atores sociais (Freston, 1999).

A assistência portuguesa funciona como um chamariz. Pastores oferecem seus serviços espirituais no Eu Sou da Paz, culto/conferência que reúne pessoas nos Centros de Ajuda Espiritual (CdAE)¹⁷. Neles são oferecidas orações, mensagens e palestras. O Eu Sou da Paz ocorre em várias cidades, e estende-se também a outras capitais europeias. Os relatos mostram voluntários da área da saúde, assistentes sociais e pastores contribuindo com informações, auxílio social e ajudas de cunho espiritual (IURD Portugal, s.d.).

Os Centros de Ajuda Espiritual de Portugal possuem também um braço social específico – o Coração de Ouro – que organiza a coleta e a distribuição de sacolas de alimentos, roupas, artigos de higiene, móveis e eletrodomésticos. É feito um cadastro prévio das famílias a serem beneficiadas, e as doações se dão nos encontros religiosos e em visitas a pessoas necessitadas. A mídia da igreja ressalta que as ajudas são mantidas apenas por um tempo, até que os carentes consigam prover seu próprio sustento e disponibilizem a "vaga" para outros que precisem ser ajudados; discurso de dispensa semelhante àquele observado por Corten (2003) quanto à África do Sul. Porém, ainda que o uso da fé tenha grande relevância, a ação social é mantida. O excerto a seguir ilustra isso:

Quando conheci o Centro de Ajuda Espiritual, através de uma amiga, tinha uma vida de verdadeira miséria, pois não tinha nada para comer e ainda tinha de tentar arranjar algo para o meu filho. Fiquei três anos sem emprego e eram pessoas amigas que me ajudavam. Assim que comecei a usar a minha fé, tendo passado apenas uma semana, consegui arranjar um trabalho e pagar a dívida da minha casa. Apesar de me faltar ainda muita coisa, sinto que a minha vida está a mudar. Sei que estes alimentos e esta máquina de lavar roupa vão me ajudar muito. Este auxílio do 'Coração de Ouro' foi uma verdadeira bênção. Estou muito feliz! Nery Silva (Vaz, 2010).

¹⁷ A IURD portuguesa possui unidades do CdAE em várias regiões, muitas delas eventualmente segregadas pela localização geográfica propositalmente escolhida. Os CdAE apresentam menos elementos próprios à identidade da IURD e aderem a novas tendências arquitetônicas, apresentando horários de reuniões que lembram atendimentos médicos e afrontando menos o catolicismo hegemônico local (Swatowiski, 2010).

¹⁸ Em 2014, já era possível encontrar a informação de que o programa Godllywood também era desenvolvido na região. Contudo, na época da coleta de dados para a pesquisa, não havia menção sobre tal iniciativa.

Os portugueses contam também com a participação de psicólogos que dão suporte às famílias e se engajam em prol do combate à dependência de drogas. Há grande incentivo de doação de sangue. Funcionam também no país o programa de alfabetização Ler e Escrever e um lar para o cuidado de idosos (Arca Universal, 15/01/2009)¹⁸.

Mesmo muito criticada, a IURD estabeleceu obras sociais que parecem cooperar para aproximar de vez alguns fiéis. Sabe-se que por lá o estigma da igreja está longe de ter chegado ao fim, haja vista o número pequeno de pessoas que de fato participam dos cultos, como relata Júnior (2011). Talvez esse seja mais um motivo a fomentar a construção dos cenáculos, a inserção em emissoras de rádio e televisão e a perseverança na execução das benesses, algo que vez ou outra pode conter as animosidades e atrair audiência.

Considerações finais

A Igreja Universal é uma leitora atenta às contingências de cada região, adaptando discurso e prática com facilidade, de modo a atrair e/ou vincular fiéis. A maior parte das ações sociais realizadas fora do Brasil se caracteriza por iniciativas organizadas pelas irmandades de mulheres e pela Associação Beneficente Cristã, rubrica que ainda tem considerável validade no exterior. Por meio de tais modalidades, a Universal oferece supostas vias de ganho emocional e reestruturação social, incitando o compromisso das mulheres com as rotinas da igreja e funcionando como veículo de limitado empoderamento e transformação, que frequentemente implica na afirmação de prescrições hetero-patriarcais. Fica claro também que as ajudas são instrumentalizadas com vistas ao enraizamento da igreja, auxiliando nos processos jurídico-institucionais típicos da dinâmica de transnacionalização. Visando gerar uma boa imagem, as obras sociais não deixam de ser reduto a líderes não tão bem vistos no Brasil. A IURD apresenta ainda o discurso de que o sinal de prosperidade é a dispensa da ajuda, fato que até permitiria pensar na diminuição progressiva da agenda caritativa da igreja, embora seja mais coerente apostar no contrário, uma vez que a assistência concatena a Universal a instâncias governamentais estratégicas, ora tentando ocupar lacunas nos setores sociais, ora como parceira de atividades de conscientização, educação e lazer.

As obras sociais auxiliam na exportação de um modelo brasileiro de religiosidade, embora de forma diferente de processos de expansão de alternativas religiosas como o espiritismo, que herdou da "dialética de oposição e sincretismo com a Igreja Católica" no Brasil (Lewgoy, 2008, p. 87) uma prática de caridade

e de assistência ao pobre, enfim, uma cultura de doação (Novaes, 2007). Está longe disso. Como bem defendeu Freston (2003), a Universal é um "fenômeno da pobreza cristã" e da nova fase do cristianismo global. É uma religião dos pobres do Sul e dos imigrantes sulistas no Norte. E, se encontra terreno fértil em âmbito não nacional – afinidades culturais, pluralismo e liberdade religiosa, imigrantes (ou nativos) pobres e população de trans-fundo cristão (Freston, 1999, p. 401) – faz florescer assistências diversas e em larga medida.

Referências

- ALMEIDA, R.; MONTERO, P. 2001. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3):92-101.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300012>
- ARCA UNIVERSAL. [s.d.]. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com>. Acesso em: 12/2010.
- BEZERRA, F. 2010. Nanda Bezerra. Disponível em: www.nandabezerra.com. Acesso em: 12/2010.
- BÍBLIA ONLINE. [s.d.]. Livro de Provérbios. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/pv>. Acesso em: 01/2014.
- CORTEN, A. 2003. A Igreja Universal na África do Sul. In: A.P. ORO; A. CORTEN; J. DOZON (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, p. 137-146.
- CORTEN, A.; MARSHALL-FRATANI, R. 2001. *Between Babel and Pentecost: transnational Pentecostalism in Africa and Latin America*. Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press, 323 p.
- CRUZ E SILVA, T. 2003. A Igreja Universal em Moçambique. In: A.P. ORO; A. CORTEN; J. DOZON (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, p. 123-136.
- DIJK, R. 2001. Time and transcultural technologies of the self in the Ghanaian Pentecostal diaspora. In: A. CORTEN; R. MARSHALL-FRATANI (orgs.), *Between Babel and Pentecost: transnational Pentecostalism in Africa and Latin America*. Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press, p. 216-234.
- DORAN, M. 2003. A Igreja Universal no México. In: A.P. ORO; A. CORTEN; J. DOZON (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, p. 93-99.
- FERNANDES, N. 2008. Novas suspeitas contra o bispo. *Revista Época*. Rio de Janeiro, Edição 503. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR80882-6009,00.html>. Acesso em: 12/2013.
- FOLHA UNIVERSAL. [s.d.]. Disponível em: <http://folha.arcauniversal.com.br>. Acesso em: 12/2010.
- FRESTON, P. 1999. A Igreja Universal do Reino de Deus na Europa. *Lusotopie*, p. 383-403.
- FRESTON, P. 2003. A Igreja Universal na Ásia. In: A.P. ORO; A. CORTEN; J. DOZON (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, p. 197-229.
- FRESTON, P. 2005. The Universal Church of the Kingdom of God: a Brazilian church finds success in Southern Africa. *Journal of Religion in Africa*, 35(1):33-65. <http://dx.doi.org/10.1163/1570066052995816>
- FRIGERIO, A. 1999. Estabelecendo pontes: articulação de significados e acomodação social em movimentos religiosos no Cone-Sul. In: A.P. ORO; C.A. STEIL (orgs.), *Globalização e religião*. Petrópolis, Vozes, p. 153-177.
- GIUMBELLI, E. 2000. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. *Religião e Sociedade*, 21(1):87-119.
- GIUMBELLI, E. 2002. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo, Attar Editorial e CNPq/Pronex, 454 p.
- GODLLYWOOD. [s.d.]. Disponível em: <http://www.godllywood.com>. Acesso em: 12/2010.
- GODLLYWOOD. 2015. Disponível em: <http://www.godllywood.com.br/rush/inscricoes-godllywood-2015/>. Acesso em: 07/03/2015.
- HELP CENTRE ÁFRICA DO SUL. [s.d.]. Disponível em: <http://www.help-centre.co.za>. Acesso em: 12/2010.
- IURD ÁFRICA DO SUL. [s.d.]. Disponível em: <http://www.uckg.org.za>. Acesso em: 12/2010.
- IURD ANGOLA. [s.d.]. Disponível em: <http://www.iurdangola.net>. Acesso em: 12/2010.
- IURD MOÇAMBIQUE. [s.d.]. Disponível em: <http://www.iurdmocambique.com>. Acesso em: 12/2013.
- IURD NA FUNDAÇÃO CASA. 2010. Disponível em: http://iurdnafundacaocasa.blogspot.com/2010/03/igreja-universal-do-reino-de-deus_21.html. Acesso em: 08/2010.
- IURD PORTUGAL. [s.d.]. Disponível em: <http://iurd.pt>. Acesso em: 12/2010.
- JACOB, C.R.; HEES, D.R.; WANIEZ, P.; BRUSTLEIN, V. 2003. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, PUC-Rio/Loyola, 240 p.
- JÚNIOR, P.G. 2011. "Jesus made in Brazil": notas sobre a transnacionalização do pentecostalismo brasileiro para Portugal. *Horizonte*, 9(22):416-445.
- LEWGOY, B. 2008. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Religião e Sociedade*, 28(1):84-104.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000100005>
- LUBKEMANN, S. 2002. Where to be an ancestor? Reconstituting socio-spiritual worlds among displaced Mozambicans. *Journal of Refugee Studies*, 15(2):189-212. <http://dx.doi.org/10.1093/jrs/15.2.189>
- MACHADO, M.D.C. 2003. Igreja Universal: uma organização providêncial. In: A.P. ORO; A. CORTEN; J. DOZON (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, p. 303-320.
- MACHADO, M.D.C. 2005. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista de Estudos Feministas*, 13(2):387-396.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>
- MACHADO, M.D.C.; MARIZ, C.L. 2004. Conflitos religiosos na arena política: o caso do Rio de Janeiro. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 6(6):31-49.
- MACHADO, M.D.C.; MARIZ, C.L. 2008. Religião, trabalho voluntário e gênero. *Interseções (UERJ)*, 9:309-326.
- MAFRA, C. 2003. A Igreja Universal em Portugal. In: A.P. ORO; A. CORTEN; J. DOZON (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, p. 165-176.
- MARIANO, R. 2004. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, 18(52):121-138.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>
- MARIANO, R. 2005. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2^a ed., São Paulo, Loyola, 246 p.
- MELLO, P.C. 2013. Angola proíbe operações de igrejas evangélicas do Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1269733-angola-proibe-operacao-de-igrejas-evangelicas-do-brasil.shtml>. Acesso em: 01/2014.
- NOTÍCIAS DA UNIVERSAL. 2011. Disponível em: <http://noticiasdauniversal.blogspot.com.br/2011/02/sisterhood-estimula-criatividade.html>. Acesso em: 17/02/2011.
- NOVAES, R. 2007. Hábitos de doar: motivações pessoais e as múltiplas versões do "espírito da dádiva". In: M. BRITO; M. MELO (orgs.), *Hábitos de doar e captar recursos no Brasil*. São Paulo, Peirópolis, p. 15-56.
- ORO, A.P. 2003. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(53):53-69. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000300004>

- ORO, A.P. 2004. A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Estudos Avançados*, 18(52):139-155. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300011>
- ORO, A.P.; CORTEN, A.; DOZON, J. (orgs.). 2003. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, 379 p.
- QUERO, H.C. 2010. Faithing Japan: Japanese Brazilian migrants and the Roman Catholic Church. In: G.T. BONIFACIO; V.S.M. ANGELES (eds.), *Gender, religion and migration: pathways of integration*. Lanham, Lexington Books, p. 37-54.
- ROLIM, F.C. 1985. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis, Vozes, 260 p.
- ROSAS, N. 2012. As ações sociais da Igreja Universal: recrutamento e empreendedorismo no A Gente da Comunidade de Belo Horizonte. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 14(17):27-51.
- ROSAS, N. 2013. Amostra gráts da prosperidade: ações de assistência na Igreja Universal e o caso de Minas Gerais. In: N.V.D. CUNHA; G.D.S. FELTRAN (ed.), *Sobre periferias: Novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lamparina (coed. Faperj), p.133-146.
- ROSAS, N. 2014. *As obras sociais da Igreja Universal: uma análise sociológica*. Belo Horizonte, Fino Traço, 136 p.
- ROSAS, N. 2015. *Cultura evangélica e "dominação" do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 263 p.
- SANTOS, Y.G.D.; ROSAS, N. 2014. Les femmes dans les nouvelles politiques sociales et l'assistance néopentecôtiste: possibilités d'émancipation ou reproduction des inégalités? *Brésil(s). Sciences humaines et sociales*, 6:75-97.
- SIMÕES, P. 2004. *Ajuda social: das relações entre religião e serviço social Brasil/Inglaterra*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 194 p.
- SWATOWISKI, C.W. 2010. A Igreja Universal em Portugal: tentativas de superação de um estigma. *Intratextos*, 1(n. especial):169-192.
- VAZ, C. 2010. Coração de Ouro – uma ajuda preciosa: um "coração" do tamanho do mundo. Portugal. Disponível em: <http://iurd.pt/coracao-de-ouro-uma-ajuda-preciosa/>. Acesso em: 12/2010.
- WOMEN IN ACTION. 2010. Disponível em: <http://www.womeninaction.co.za/events/campaign-saving-a-tamar>. Acesso em: 12/2010.

Submetido: 26/01/2014

Aceito: 20/11/2015